



SERTÃO + TRANSVIADO

2016 / Nº 03/ JORNAL DO PROJETO ANUS LIVRES - MÍDIAS RADICAIS E HISTÓRIAS MARGINAIS - JORNALISMO UFCA



Tica, a Rainha
do Reisado

Outros versos, outras
pessoas, outros cordeis

Linda flor, linda flor:
uma embolada feminista

Metendo o grelo na tradição

Anderson Sandes

“Tome espaço do Estado, da polícia, da NSA, da mulher maravilha e meta um grelo na geopolítica”. O trecho é da canção Auto das Bacantes da cantora paulista Ava Rocha, filha de Glauber Rocha. O termo grelo, na definição dos dicionários, é o broto de plantas. Popularmente, é um apelido para clitóris, ou seja, ficar com grelo duro consiste em excitação sexual. Como prossegue os versos da filha do Glauber, a terceira edição do Sertão Transviado pretende meter o grelo na tradição da cultura popular do Cariri e mexer com mentalidades tão cristalizadas.

A cultura popular por ser marcada pelas tradições e identidades, como afirma o pesquisador Durval Muniz de Albuquerque, acaba sendo inventada e sequenciada, amarrando as definições possíveis do que pode ser considerado cultura. Nossa intenção não é tentar definir o que é cultura, mas sim penetrar mais fundo nesse território e tentar perceber as muitas camadas de comportamento que tentam sobreviver às chupadas do Lobisomem, ávido por sangue e ainda presente no nosso imaginário, qual um Curupira, que quase matou nosso herói Macunaíma.

Com isso, tentamos desvendar através de textos iguais a facas com pontas afiadas os caminhos dos nossos valentes brincantes, nossos príncipes, princesas e rainhas encontrados nos quatro costados dessa terra santa e profana. São nossos brincantes, os resistentes que estão no Reisado, na Dança do Coco, na Literatura de Cordel, na Umbanda.

A história da nossa saga que ninguém inventou. Mas que vem de muito longe, tão longe que é preciso reinventar o tempo para que possamos estabelecer uma linha cronológica.

Dos tempos dos mouros. Dos tempos da mãe África. Da Península Ibérica. Dos doze pares de França. Do sertão de Caxangá.

O Sertão Transviado visitou terreiros de candomblé de Juazeiro do Norte, uma religião ainda maculada e perseguida nestes tempos difusos e confusos. Conversou com pais de santos e mãe de santos sobre a receptividade das pessoas LGBTTs na religião de matrizes africanas.

A repórter Mariana Caselli conversou com Francisca, mais conhecida como Tica, a rainha do Reisado de Mestre Dedé, em Juazeiro do Norte, sobre identidade de gênero, cultura popular e amor. Pablo Soares, pesquisador em Cultura e Identidade e ativista Queer e a cordelista Josenir Lacerda conversaram com o Sertão Transviado sobre a resistência dos movimentos sociais a partir da literatura de cordel.

A repórter Érica Bandeira acompanhou uma apresentação da Mestre Marinês do Coco Frei Damião de Juazeiro, que bate no peito e pisa no chão dizendo que “seu coco é feminista”. Com o grupo só de mulheres, ela conta um pouco da trajetória do Dança de Coco na região. A repórter Alana Maria escreve um artigo sobre o movimento Fora Temer, uma pauta que não poderia ficar de fora neste momento de pouca saúde e muita saúva.

Na coluna #VULVAEU, a estudante Andreia Santos do curso de Jornalismo da UFCA, fala sobre a força em nossa alma que apenas nós sabemos e a luta diária da mulher na sociedade. O professor do curso de Jornalismo, Celestino Júnior, traz na #DESCASCANDOBANANAS um conto sobre o conflito do ‘eu com o outro’ e uma crô-



nica sobre o escuro, cheiro e ações do cinema de pegação no Nordeste. A capa de nossa edição é o registro do fotógrafo Wilson Bernardo, na Missa do Vaqueiro de Serrita, em Pernambuco, e mostra o quanto as tradições, apesar de demarcadas, podem ser mutáveis. Por isso, textos como pontas de facas amoladas. O olho nas fechaduras.]

EXPEDIENTE

Ano 1 / Edição 3

Juazeiro do Norte, Outubro 2016
Jornal do Projeto Ânus Livres
- Mídias Radicais e Histórias
Marginais - Jornalismo UFCA

Professor Orientador
José Anderson F. Sandes

Projeto Gráfico
Isaac Brito

Ilustração
Iurio Ferreira
Stephen McDermott

Texto e Fotos
Mariana Caselli
Érica Bandeira
Caio Cesar
Breno Arleth
Ribamar Júnior

Colaboração
Andreia Santos
Celestino Júnior



#OulvaEu

A dor da alma que apenas nós sentimos

Andreia Santos

Sempre enxerguei em minha mãe a força que sempre quis enxergar em mim, o modo como ela corrige seus erros, sua humanidade, a sua forma destemida de defender os seus. Ela teve seis filhos homens até me ter. Em casa somos eu, ela e uma ruma de homens.

Mesmo morando em um lar movimentado desde cedo eu sempre tive problemas em me comunicar, ao ponto de só aprender a falar apenas com 6 anos de idade, talvez por medo e insegurança ou pelo fato de que simplesmente não seria ouvida.

Acontece que eu sou insegura comigo e com o que esperam de mim, e só agora, muito recentemente, percebi que compartilho da mesma insegurança de muitas mulheres.

Somos treinadas desde pequenas a se calar quando um homem sentir que seu discurso está ameaçado pela nossa opinião. Com um tempo percebemos que, por mais que estejamos certas, sempre será preciso provar para todos, e que mesmo assim, há sérios riscos de lhe culparem. Se um homem, em condições de privilégios, comete um erro, ele é passível de perdão e de pena, mas se uma mulher comete o mesmo erro há grandes chances de ela ser julgada pelos seus erros por um bom tempo, ser “merecedora” de punição.

A mulher é antes de tudo um ser forte. Nascer mulher e torna-se mulher é a tarefa árdua. Percebemos isso

quando passamos a notar as coisas que tivemos que enfrentar por sermos mulheres, quando somos silenciadas, quando nossas amigas viram estáticas de femicídio, quando nossas tias são violentadas sexualmente.

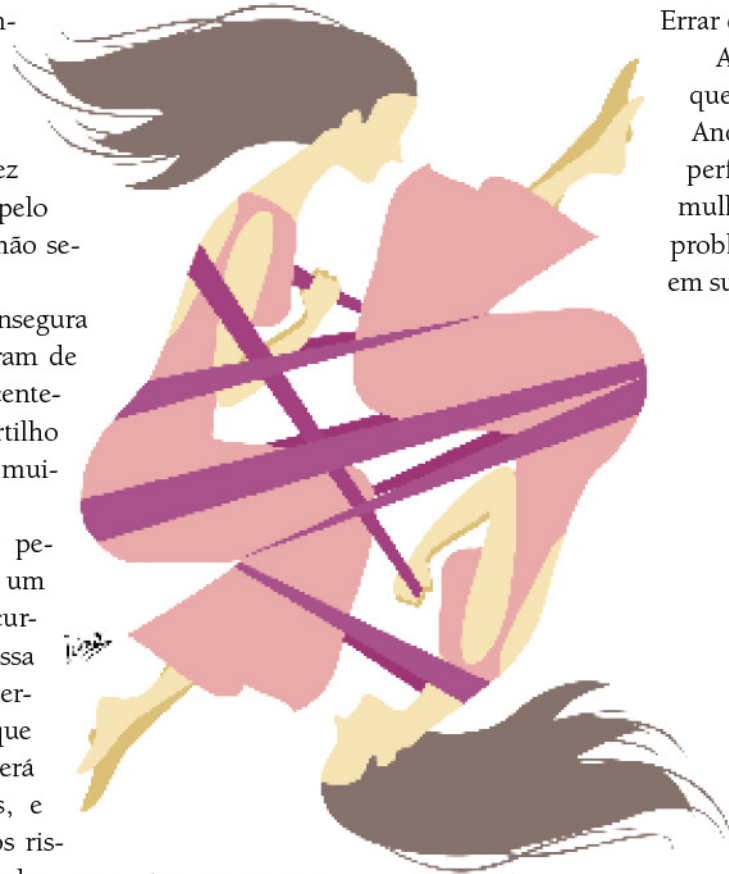
Os erros que cometemos em nossas lutas diárias, o ódio que muitas vezes alimentamos em postagens de Facebook, as falas emotivas em debates. Tudo isso mui-

algumas pessoas, perdão, mas acredito que só irei avançar se aprender com os erros.

Quando as mulheres tentam, elas estão resistindo. Quando as mulheres gritam, elas estão clamando para serem vistas e ouvidas. Quando as mulheres erram, elas provavelmente vão perceber seus erros e buscar concertá-los, porque alguém irá vir apontar o dedo, afinal mulher não pode errar.

Errar e aceitar os erros é lutar.

Andreia é muito mais do que uma conta de Instagram. Andreia é muito mais que um perfil de Facebook. Ela é uma mulher barbalhense cheia de problemas. Ela tem aquela força em sua alma que apenas ela sabe.]



tas vezes nos leva a chorar no chuveiro, a ir dormir soluçando porque poucos compreendem que somos mulheres que humanamente cometerá erros e não será uma vilã por isso.

E aqui vai um desabafo:

Só eu sei das minhas lutas e medos. Só eu sei das minhas dificuldades em expressar dores e anseios. Se no caminho dessa descoberta eu ferir



Dona Marinez Pereira (última da direita em pé) com seu grupo de coco Frei Damião

Linda flor, linda flor: uma embolada feminista

Mestre Marinez contraria a tradição machista e cria o grupo de dança de coco Frei Damião formado apenas por mulheres e crianças

Érica Bandeira

Apesar de ter crescido na cultura da dança de coco, Marinez Pereira do Nascimento, 50, mais conhecida como mestra Marinez, revela que a mulher que quisesse participar dos grupos de dança de coco de sua época, precisaria de um homem. Namorado ou marido, mas tinha que ter um homem do lado se ela quisesse ingressar nos primeiros grupos. Mulher solteira não participava.

Inicialmente, na dança, o movimento chamado de “trupé” – uma espécie de sapateado – tinha a finalidade de assentar o piso das casas da época e consistia em bater o pé firmemente no chão. E foi isso que a mestra Marinez fez. Convidada por seu cunhado para ensinar a dança numa escola, Marinez chamou um antigo mestre, que se recusou, argumentando que a tradição deveria ser mantida

, ou seja, a posição de mestre é destinada apenas aos homens, “Eu fiz um desafio a ele e falei: apois eu vou!”. Ao contrariar seu mestre, a decisão lhe custou o espaço no seu antigo grupo.

Foi a partir daí que Marinez deu início ao grupo de dança de coco Frei Damião, no qual é mestra, atuante há mais de 10 anos e composto apenas por mulheres (crianças, adultas e idosas). As decisões são coletivas e sem intervenção masculina. “Elas que me escolheram como líder. Isso pra mim não significa que eu mande nelas. Eu sou a mestra Marinez, que elas escolheram pra gente trabalhar junto. Sem elas eu não sou ninguém”, disse a mestra. São elas que tomam as rédeas e levam o grupo adiante.

Além de opor-se a lógica de tradição de seu antigo mestre, Marinez reinventou essa mesma tradição, já que antes as mulheres só dançavam, não havia mestras: “os homens falavam que, por

a gente ser mulher, nós não tínhamos forças nas pernas pra dançar a dança do coco”. Foi se impondo que Marinez mostrou que a mulher não tem forças só nas pernas. As mulheres do coco Frei Damião chegaram a se apresentar em muitos lugares. Marinez conta orgulhosa da participação do grupo na abertura da copa.

A criação do grupo feminino de dança de coco Frei Damião acaba sendo, em sua essência, uma embolada feminista. A participação feminina na cultura popular é uma rima ao empoderamento da mulher.]

Transexualidade no terreiro

Dentro dos terreiros de Candomblé, a participação da comunidade LGTT ainda enfrenta algumas resistências e preconceitos

Mariana Caselli

Nosso país é onde mais se assassina a comunidade LGBT no mundo. É também o que tem a maior população negra fora do continente africano. O candomblé, religião que tem origem na África, é tida por muitos gays e lésbicas que buscam um caminho espiritual como um refúgio, um lugar onde são aceitos, pois sua orientação sexual não tem importância. Contudo, ainda há o que trilhar nesse caminho de aceitação das diferenças dentro do candomblé.

Pai Edilson está escrevendo um livro intitulado *O Processo Transexualizador Dentro dos Terreiros*, no qual debate a participação de pessoas transsexuais dentro dos rituais da religião. “Biologicamente, quando você nasce tem a genitália de homem ou mulher. Quando você se percebe trans, o candomblé não reconhece isso. Sabe que existe, mas não reconhece. No livro eu falo principalmente para os babalorixás e ialorixás (pais e mães de santo, respectivamente), porque para receber uma pessoa trans no terreiro é preciso que haja uma preparação emocional, um embasamento”.

Uma das filhas de santo de Pai Edilson, Josy, é transgênero. “No momento em que ela se inicia, passar por todo o processo, como será a aceitação dela dentro do terreiro? Eu me preocupo com isso, porque já tem pessoas recriminando. O espaço que eu tenho ainda não é um terreiro de fato, a gente faz ebô, joga búzios... Mas as pessoas dizem ‘ela não pode usar roupa de mulher, porque é gay’. Ela não é gay, ela se percebe como mulher. Não é uma coisa superficial, não é só roupa. É a história da pessoa, desde criança. Eu conheço a Josy desde criança, e ela é feminina desde pequena, só a família dela que não aceitava”, conta Edilson.

No candomblé, a história dos orixás mostra de maneira forte o que é masculino e o que é feminino, e toda essa religião se baseia na história de cada orixá. Os rituais e as roupas utilizadas por cada pessoa às vezes tem especificações de gênero. Onde então se encaixaria uma pessoa trans? Edilson fala que elas se encaixariam em locais neutros, onde o seu corpo físico não é essencial para as atividades que são feitas. Ele explica que, por questões relacionadas aos orixás, nos rituais masculinos não se aceita homossexualidade e transgeneridade, e nos femininos pessoas que não possuem órgãos reprodutores femininos (útero e ovários) não podem participar.

Matriarcado

Mãe Gegê, que tem sua casa no bairro João Cabral, enfatiza que na religião há espaços que o papel da mulher é fundamental e jamais ocupado por homens.

A pesquisadora e jornalista Sauanny Lima explica que o lugar da mulher na cozinha no candomblé é sagrado. “Por ser uma religião de origem matriarcal, a mulher é valorizada e na cozinha, seu papel é extremamente importante na feitura da oferenda, na lavagem dos alimentos... É um papel ressignificado”.

Pai Edilson, no entanto, finaliza com uma fala de esperança. “Eu vejo que há espaço para

todos, e vão surgir mais espaços. Algumas pessoas me dizem ‘você vai fazer o santo dessa pessoa trans?’ e eu respondo que vou, porque é um ser humano. Eu vejo o terreiro como um lugar acolhedor. O candomblé que tem de se adaptar as pessoas trans, eu vejo dessa forma. É preciso trabalhar de forma tranquila, sem criar rótulos. A nossa ideia é incluir, somar em todos os sentidos”.



Festas no terreiro de Pai Bira e Mãe Gegê

TICA, A RAINHA DO REISADO

No vestido branco de noiva que abre alas do Reisado de Mestre Dedé, Francisca não sabe se as pessoas a veem como um homem ou mulher. “O que importa é minha dança”. A Rainha, de 54 anos, fala sobre vida, tradição, liberdade e amor

Mariana Caselli

A história de Tica e Cícero podia ser novela. Há mais ou menos seis anos, Francisca da Silva, mais conhecida como Tica, foi deixada pelo rapaz que namorava, após muitas discussões com a mãe dele. Desiludida, bebeu para esquecer a dor e decidiu: vou embora. Aí botou as roupas que tinha numa mochila e saiu andando – bêbada, descalça e chorando – pensando consigo mesma que não queria mais homem nenhum. Nesse ponto aparece Zefinha, que, apesar de talvez nem saber o que significa a palavra sororidade, ajudou Tica, de quem sabia um pouco da história, porque mora até hoje na mesma rua que o ex-namorado dela. “Eu, como mulher, tive dó dela, que é mulher também”, disse.

Zefa então chamou Tica para dentro de casa, pediu para ela se acalmar e tomar um banho. “Eu disse assim, vamos aqui tomar um banho, se ajeitar,

chega já um homem aí muito bom, e você vai gostar dele e ele vai gostar de você, vai ver”. Tica, com a teimosia de quem tem o coração machucado, quase não aceita. Chorava e dizia que não queria saber de homem nenhum, porque como o namorado não a queria, ela também não queria ninguém. Apesar da birra, se acalmou, tomou banho e esperou. E um tempo depois, chegou Cícero dos Santos, e Zefinha já foi dizendo “Ó Ciço, essa mulher aqui vai ser sua noiva e vocês vão casar”.

Até aí tudo bem, uma história de romance que apesar de inusitada não é muito diferente de tantas outras no mundo. Mas essa história aconteceu bem ali, no bairro Mutirão em Juazeiro do Norte, numa rua sem calçamento, quase zona rural, numa casinha cheia de roupas de reisado. Cícero dança no Reisado Santo Heleno, de José Amaro, filho de Dona Zefinha, mais conhecido como Dedé. Zefinha



Tica e o marido Cícero

também dança no reisado do filho, e logo, Tica também estava dançando junto com o novo namorado, Cícero. Como se não fosse o bastante ter a beleza do reisado junto da história deles, tem mais uma coisa que torna a história especial: Tica, que já tem quase cinco décadas de vida e seis anos de casada, é mulher trans.

“Eu já sabia que eu era assim desde muito nova. Com uns 12, 13 anos eu já botava roupa de mulher, mas por respeito a meus pais eu ficava meio assim de contar para eles. Mas eles sabiam, meu pai sempre soube, minha mãe uma vez me disse ‘Francisco, me diga logo, me conte logo a verdade, eu já sei, só quero que você me diga’. Ela sempre me perguntava porque eu não fazia que nem meus irmãos, porque não chegava com uma namorada em casa para apresentar a ela. Quando mãe me pediu para contar a verdade, eu só consegui dizer ‘eu não estou pronto ainda para contar, mãe’”.

Falando do passado, Tica às vezes se refere a si no masculino. Quando perguntei um sobrenome para colocar na matéria, ela riu meio sem graça, e foi falar do nome de batismo. Eu não consegui me parar e



Tica do Reisado ao lado da sua família no bairro Multirão, em Juazeiro

ADO



interrompi: “Não, é só um sobrenome. Seu nome é Francisca”. E ela riu de novo, mas dessa vez vi algo em seus olhos que parecia com gratidão.

Há alguns meses, o Reisado Santa Helena foi convidado pela Universidade Federal Fluminense, junto a outros grupos de diversas manifestações culturais de todo o Brasil, para um evento sediado no Rio de Janeiro. Tica contou que foi vestida com uma camisa, calça jeans e sapato para o Aeroporto Orlando Bezerra de Menezes, em Juazeiro. “Eu ia com um vestido longo, maquiada, sabe? Porque

é assim que eu me visto, é assim que eu me sinto bem. Mas aí eu fui com roupa de homem mesmo, porque sei lá, estava com medo de alguém dizer alguma coisa, me criticar”. Nessa hora eu, que sou chorona, senti o nó na garganta, a empatia por alguém que sofre uma violência psicológica e invisível nessa nossa sociedade que insiste em pôr o universo que é cada um de nós em caixinhas rotuladas.

Francisca conta nos dedos as três vezes do ano que sai nas ruas vestida de noiva. Sendo protegida, como é no enredo dança, por Zefinha, que abre o caminho com uma espada e chapéu de Rei. Zefa não gosta de saber do que era Francisco, assim que o assunto é tocado. ela diz “É dessa parte que não gosto”, explica, segurando o neto no braço. Cícero olha para Tica, sua esposa, com olhar demorado. Juntos os dois parecem um retrato de fotografia vernácula típica no Nordeste. Tica já foi rainha em vários lugares do Brasil, mas conta que tem vontade mesmo é de se apresentar no Crato.

Quando sai na rua para fazer as fotos, os transeuntes perguntam se ela vai casar novamente. Tica sorri, acena e não sabe encarar muito bem a câmera. Sentada um sofá simples, ela conta que tem dois vestidos de noiva, que estão guardados à sete chaves. Mas que para as fotos ela veste com entusiasmo.

A tradição, por vezes, cristalizada em uma narrativa regional, carrega em si o peso da identidade. A cultura popular é regenerativa, ou seja, é um tecido que se substituiu e restaura a possibilidade de novos horizontes e diversas oralidades. Tica, mulher trans e agente cultural na terra do Padre Cícero, movimenta a cultura popular com a barra do seu vestido e mostra que o Reisado pode se reinventar todo dia.]

Outros versos, outras pessoas, outros cordeis

A poesia como ferramenta de resistência. Pablo Soares e Josernir Lacerda falam sobre a importância do cordel para as lutas sociais

Mariana Caselli

Quando criança aprendi que o nome cordel vem lá em Portugal, na época em que esses folhetos eram impressos e pendurados em barbantes, também chamados de cordéis. O povo do nordeste, onde essa arte é mais forte, tem uma longa história com os versos escritos para se cantar. Uma dessas pessoas, é a cratense Josernir Lacerda, a primeira mulher caririense empossada na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Co-fundadora da Academia de Cordelistas do Crato, seu gosto por essa literatura vem desde a infância. “Eu ouvia as histórias memorizadas por minhas avós, e quando eu já dominava a leitura, passei a ler os cordéis para outras pessoas”. Josernir conta que era muito tímida na adolescência, e em função disso escrevia bastante. “Entre meus escritos, tinha muita poesia em versos livres, mas hoje eu percebo muito forte a presença da métrica e da rima, características essenciais do cordel”.

Quando pergunto sobre sua relação com o cordel, Josernir afirma: “É muito gratificante perceber que o

cordel é um veículo de mudança e conscientização. Ele representa uma grande parte da nossa manifestação popular, e isso é essencial, porque assim o cordel se torna alvo de pesquisas, estudos, registros, e isso contribui para o destaque do Cariri como polo cultural. Eu acredito também que o cordel é um excelente instrumento para incentivar a leitura. Ele tem linguagem simples e objetiva, poética, que facilita o entendimento e torna ele didático”.

Outro escritor de cordel é Pablo Soares, juazeirense, para quem o folheto é um instrumento de militância. “Uma professora da UFCA (Universidade Federal do Cariri), Fanka Santos, ministrou um curso que se chamava Cordel, Informação e Memória. Foi lá que conheci mais a respeito do movimento dos cordelistas “maUditos”, e fiquei fascinado com a ousadia dos poetas, porque eles tensionaram de maneira poética os preconceitos de classe, de gênero e sexualidades, raça e etnia, mostraram como é plural ser um indivíduo nordestino”.

Pablo conta que foi a partir daí que ele teve a inspiração de desabafar através das rimas do cordel, e utilizá-

-lo também como um porta-voz das diferenças, principalmente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidades.

Nesses estudos e escritos, surgiu o projeto Queerdel, no qual ele e alguns amigos mostraram seu potencial criativo e também construíram o movimento Akuenda a Diversidade. Sobre esses movimentos, Pablo diz que “nós temos sede de inovação, de acompanhar o fluxo cultural, e a poesia para mim é isso, é fluxo, é delicadeza e voracidade ao mesmo tempo”.

Pergunto sobre a importância do cordel na cultura popular, ve Pablo responde rápido: “Eu não gosto muito desse termo ‘popular’. O cordel para mim é uma ferramenta muito importante nos fluxos da cultura brasileira. É sinônimo de resistência, é voz, performance, musicalidade.... Tudo isso compõe o cenário caririense, nossa região é berço de grandes poetas. Patativa do Assaré, Josernir Lacerda, Dodora da Silva, Salete Maria; são só alguns exemplos de pessoas que produziram e produzem um artefato dinâmico e que consegue mostrar um Cariri plural”.]



Pablo Soares: "o cordel é sinônimo de resistência, é voz, performance, musicalidade"



Josernir: "o cordel é um veículo de mudança"

Luís Celestino

O gosto do leite morno na boca me desperta um misto de saciedade e nojo. O leite morno vomitado nos textos sagrados. Não sei para onde vou hoje. Gosto do escuro quando encontro paz em camas quentes de cimento que machucam minhas costas e joelhos mas que me dão um estranho sentimento de alívio que me levam a um choro infantil em seguida.

Mas é sempre assim. Acordo com essa sensação do leite morno azedando minha língua. Jamais admitiria publicamente, mas carrego uma certa tristeza em mim. Não daria esse prazer da acusação a essas pessoas coloridas. O prazer de poderem me acusar de ser sem graça. Sem luz. Sem energia boa. Aliás, não acredito que as pessoas carreguem energias boas ou ruins. Minha tristeza jamais será a alegria desses vermes. Minha tristeza é ver que apesar de todo sacrifício que fiz na vida em ser uma pessoa séria, não gozar da felicidade dos que riem de mim. Antes riem do que sentirem pena. Sentir dó é o que há de pior em termos de afetos e sentimentos.

O leite morno me persegue. Não há becos escuros na cidade onde moro. Os becos em geral são vigiados. Se os houvesse eu os preferiria a ter que trazer pra casa pessoas que não conheço. Não me apego e isso tem sido meu escudo de salvação. Se não já teria sido arrastado pro turbilhão de sentimentos dos homens fracos. Cada um sabe de si, mas eu sinto que preciso defender meus queridos dessa falta de moralidade e desse vazão de valores.

Outro dia persegui um sujeito que me olhava de soslaio pelo espelho do banheiro do shopping. Fechei o zíper e corri. Corri entre corredores e entre a multidão do shopping. Esbarrava entre vitrines seguindo o sujeito asqueroso que tentara me ver. Meu ódio crescia e eu só pensava no que fazer quando o encontrasse. Queria esmurrá-lo. Massacrá-lo. Causar-lhe dor.

Dentro de mim eu fervia. Como ousara chegar tão perto e tentar me ver num momento tão íntimo. Tinha certeza de que o reconheceria logo que o visse. Enquanto o perseguia ele desacelerou de repente e pude perceber que entrou num outro banheiro. Ser asqueroso. Pronto pra atacar outro. Entro no banheiro e tranco a porta. Ninguém mais sai. Agora sou eu e ele. Abro todas as portas dos cubículos e não há ninguém. Onde aquele escroto foi se enfiar? Não há janelas. Terá fugido pelo teto? Quero matá-lo por ousar fugir de mim. Espero. Respiro. Olho no espelho. Olho no espelho. Olho no espelho... Sou eu... não acredito, mas reconheço o homem. Sou eu. O gosto de leite morno me vem à boca... Eu simplesmente vomito.]

#DESCASCANDO BANANAS

O Leite Morno na Boca



Lutar sem Temer

Na comemoração do Sete de Setembro, o grito “Fora Temer” ecoou pelo País diante de um cenário político preocupante para a comunidade LGBT



Manifestantes promovem ato "Fora Temer" durante desfile militar Sete de Setembro de Juazeiro do Norte

Alana Maria

Fora Temer, bradaram os juazeirenses, cratenses, barbalhenses e tantos outros vindos das cidades ao redor, que se encontraram na manhã de 7 de setembro, Dia da Independência, em frente ao Mercado do Pirajá, em Juazeiro do Norte. Em marcha, desceram a avenida Ailton Gomes denunciando um golpe parlamentar transvestido como o impeachment de Dilma Rousseff (PT), instaurando o governo impopular, retrógrado e economicamente liberal de Michel Temer (PMDB).

Temer Jamais, afirmaram as centenas de jovens e adultos, estudantes, trabalhadores ou aposentados, sejam militantes de movimentos políticos, coletivos de juventude, movimento estudantil, grupos artísticos ou sem-partidos. Não Temer, recomendaram, diante deste governo misógino, primeiro desde o militar Geisel sem mulheres

em cargos de liderança nos Ministérios, e discriminatório, continuam, por destruir avanços sociais e colocar as pastas de igualdade racial, mulheres e direitos humanos sob comando do Ministério da Justiça de Alexandre de Moraes, conhecido por não ligar menos para a vida das minorias.

Nenhum Direto a Menos, repetiram em consonância com as manifestações Brasil adentro, contra as políticas sociais retrógradas e as econômicas, liberais, anunciadas e indicadas pelo Governo. Medidas de austeridades, de privatizações, de flexibilização e precarização dos direitos trabalhistas, da reforma previdenciária, que dificulta a aposentadoria, dos cortes de ministérios e verbas para pastas sociais, do desmonte de avanços sociais da classe trabalhadora, da juventude, das mulheres, de negros e negras, dos camponeses, dos indígenas e LGBTTs.

Amar Sem Temer, pediram, pois acreditam na força popular e democrática, único movimento passível de enfrentar e vencer aqueles que querem “estancar a sangria” do combate a corrupção aplicando programas já derrotados nas urnas. Diretas Já, voltaremos a gritar nas ruas, com o desafio de criar uma coalizão poderosa o suficiente que reconheça o PT de Dilma e Lula como o partido facilitador da ascensão do parasitário e fisiológico PMDB por meio de suas alianças, pactos e políticas de conciliação de classes.

Lutar sem Temer, precisaremos reverberar, conscientes de que a saída de Temer não é o único problema nem fiel a solução de tudo, mas o primeiro passo. A saída, como já disse Queen Bey, é to the left, to the left.]

APOIO:

Açúcar
PRIMO RICO
MERCADINHO
ARAÚJO

Escuros, ações e cheiros

Luis Celestino

Não sei se alguém já sentiu as sensações que o escuro provoca. Não tinha me despertado para isso quando entrei pela primeira vez num cinema de filmes eróticos. Aliás, preferiria chamá-lo de cinema de sensações. Ele provoca no corpo tantas experiências sensoriais que defini-lo como erótico deixa de fora um mar de significados e significantes. Pois bem. Vamos ao escuro.

Da vergonha de se comprar o ingresso em plena luz do dia quando parece que todos os olhares se dirigem a você e, mais do que isso, que todos os olhares reprovam você por um ato imoral. Há uma catraca de ônibus. A coisa mais surreal talvez seja essa. Há uma catraca de transporte coletivo como se impressado entre a multidão que vai ao trabalho e o cheiro de óleo diesel queimando a narina essa catraca dividiu um mundo de luz e de sombras. Mais uma vez sou inexato. É a enorme cortina preta que separa os dois mundos e não há sombras na parte de dentro. Há o escuro.

Esse tatear entre as paredes em busca de onde sentar pode fazer você inadvertidamente tocar algum corpo que assiste em pé ao filme. Me assusto em esbarrar no corpo. Peço desculpas. Mas ninguém responde. É aí que me dou conta da força do sentido da audição. Fica extremamente aguçado a ponto de um breve sussurro ganhar a dimensão de um grito. Penso em Ginsberg e o poema “Uivo”. Prefiro então reconhecer esses sons que se amalgamam são uivos. Outro sentido também é acionado: o olfato. E aquela escuridão ensurdecadora ganha ares



de fluidos corporais intenso. Esperma e suor se misturando com um estranho cheiro de Água Sanitária barata.

Demoro a perceber que o cinema nada mais é que uma casa de formato tão comum no Nordeste brasileiro. Sala na entrada. Corredor de um lado levando a uma cozinha e uma quintal no fundo. Quartos ao lado. Percebo isso ao ver um freixo de luz que ilumina um armador de redes chumbado na parede. Em tão doméstico ambiente como imaginar a subversão e transgressão daquilo. Gosto daquilo e fico imaginando a casa de meus avós no sertão sendo ocupadas por enormes jatos de gozo e homens suados que se tocam sem se ver diante de uma tela de TV (na verdade, os cinemas são TVs com filmes exibidos em DVD). O filme é sempre o que menos importa. O pornô sempre foi um amontoado de closes non sense de homens que demoram trécadadas a gozar e de mulheres que gemem, gemem e gemem. Volto a pensar em Ginsberg e no Uivo. “Eu vi as melhores cabeças da minha geração destruídas pela loucura”.

Meu olhar começa a dar forma aos seres à medida em que me adapto ao ambiente. A sala está quase vazia. Há somente homens e uma travesti. Agora penso em Myra Breckinridge. A travesti de Gore Vidal. Sinto uma enorme injustiça por essa personagem da literatura. Meio desconhecida no Brasil. Penso em Túlio Carella e suas orgias em Recife. Devaneios literários. Percebo que alguém me olha. Percebo que alguns me olham. Esperam minha reação. É um flerte do silêncio. Todos parecem cautelosos. Um sinal errado pode permitir um avanço ou

recuo. Há alguém atrás de mim que me apalpa discretamente. Espera minha reação para saber se avança ou recua. Me assusto. Ando um pouco cinema adentro em busca de um certo respiro e percebo que há dois homens transando no corredor. Não parecem se incomodar comigo. Ainda consigo ver – naquela névoa da escuridão – o olhar do rapaz que é penetrado mas não consigo decifrar se é dor ou prazer expressos em seu rosto.

Há um bar improvisado na cozinha. Preciso de álcool. Peço uma cerveja e percebo minha voz medrosa. Surpreendo-me com o preço. Superfaturado. Me vem uma certa náusea ao perceber que um rapaz me persegue. Muito jovem me persegue. Decido ir embora. Não me sinto à vontade. A luz é forte do lado de fora e o cheiro de gasolina me entope as narinas já acostumados com o cheiro de esperma. Saio à rua no momento em que passa um grupo de jovens. Olham pra mim. Não comentam nada. Devem esperar eu ficar um pouco mais longe para falarem. Ainda consigo ouvir um riso distante. Caminho apressado. Quero ficar longe daquele lugar e não ser confundido com ele. Não sou como aquelas pessoas. Olho pra trás e vejo outros três homens saindo. Discretos na saída. São iguais a mim no caminhar, no desejo de se ver distantes. Um deles traz o cabelo desarumado. O outro um sorriso de quem esperava o momento para rir. Quando me distancio percebo que minha mão estava crispada. Fechada. Quando relaxo só penso numa coisa: quero voltar àquele lugar!]



